

O JECA E A COZINHEIRA: RAÇA E RACISMO EM MONTEIRO LOBATO¹

Pedro Rodolfo Bodê de Moraes
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

O artigo trata das concepções raciais de Monteiro Lobato, chamando atenção para o fato de que suas idéias sobre o “caráter” do homem brasileiro são comuns a toda sua geração e resultado de um refinamento teórico que tem como local privilegiado de produção a instituição escolar. Outrossim, destacamos aspectos que singularizam a visão lobatiana de raça e que podem ser explicados a partir de sua trajetória social.

PALAVRAS-CHAVE: *Monteiro Lobato; raça; racismo; pensamento social brasileiro; Sociologia da produção intelectual.*

INTRODUÇÃO

Reconhecido como editor — cuja atuação foi fundamental à implantação do mercado editorial brasileiro (CAMPOS, 1986; HALLEWELL, 1984; MORAES, 1995 e 1996; PONTES, 1989 e SODRÉ, 1970) —, e como autor de livros infantis, Monteiro Lobato também participou ativamente de importantes debates que tiveram lugar na sociedade brasileira, como a luta pelo petróleo, elemento fundamental ao desenvolvimento nacional (cf. LOBATO, 1956e e CAVALHEIRO, 1955), a construção da *nação* e a discussão sobre o *caráter* do povo brasileiro.

Tendo por base as leituras e o saber adquirido nos bancos da prestigiosa Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em São Paulo — formadora dos quadros da elite brasileira (ADORNO, 1988) —, onde estudou, e sua experiência como fazendeiro, Lobato construiu tipos ideais negativos e positivos do *caráter* do homem brasileiro. Um deles, o Jeca Tatu, personagem criado por Lobato, tornou-se símbolo nacional de um tipo humano, de uma “raça” in-

capaz e degenerada. Lobato, porém, irá reabilitar o Jeca, compreendendo que ele não era corrompido por sua natureza, mas assim se encontrava em função das suas condições de vida. O Jeca metamorfosear-se-á, primeiro no Jeca Tatuzinho e depois no Zé Brasil, este último vítima das condições sociais, seu antecessor das más condições sanitárias.

Com os negros, raça que Lobato também considera inferior, as coisas são mais complexas. Em alguns momentos, onde pretendeu apontar sinais de incivilidade, primitivismo ou barbárie, usou como modelo “nações” negras, como por exemplo, o Senegal. No entanto, mesmo que com certa ambigüidade — característica que perpassou muitos momentos da sua vida —, Lobato será um duro crítico, denunciando, através de seus contos, a crueldade e a violência dos fazendeiros de café contra seus escravos. Ainda que não tenha reabilitado os negros como fez com o Jeca — de quem disse: “[ele] não é assim, está assim” —, Lobato criou dois personagens negros que tiveram grande e positivo destaque no seu *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, a saber, Tia Nastácia e Tio Barnabé.

É nosso propósito examinar este aspecto do pensamento e da obra lobatiana, importante, inclusive, por nos revelar como se constituiu parte do saber de uma geração.

¹ Este artigo tem por base a pesquisa desenvolvida para minha Dissertação de Mestrado (cf. MORAES, 1995). Gostaria de agradecer os comentários e sugestões feitas pelo Prof. Adriano Nervo Codato.

I. O NETO BASTARDO

Antes de mais nada, parece importante uma breve reconstituição das origens familiares e sociais de Monteiro Lobato, uma vez que é neste momento e lugar que podemos estabelecer os *capitais* por ele herdados e sua posição inicial no *espaço social*².

José Bento Monteiro Lobato³ nasceu em Taubaté, interior de São Paulo, em 12 de abril de 1882, filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Augusta Monteiro. Seu pai, cafeicultor decadente do Vale do Paraíba paulista, casou-se com Olímpia e tentou, sem sucesso, melhorar sua condição econômica através do sogro. José Bento morreria em 1898, quando Lobato, as irmãs e sua mãe foram morar com o avô paterno, o poderoso José Francisco Monteiro, o Visconde de Tremembé. Olímpia era filha ilegítima, nascida de uma das relações extraconjugais do Visconde. Esta condição bastarda, que Lobato herda juntamente com os capitais do avô⁴, é uma chave importante para entendermos a forma como ele lidou com suas heranças, da aristocracia às fazendas. Voltaremos a este tema novamente.

De origem portuguesa e membro da elite política imperial o Visconde era cafeicultor e proprietário de grandes fazendas e muitos escravos. Um típico “barão do café”, mantinha e reproduzia o capital familiar por ele herdado e que vinha constituindo-se a pelo menos três gerações⁵.

O Visconde foi figura determinante nas “escolhas” de Lobato, melhor dizendo, as direções

tomadas por Lobato foram “escolhidas” por seu avô, do curso superior ao início da carreira como promotor de Justiça. O “roteiro” delineado pelo Visconde foi seguido, não sem alguma contrariedade, por Lobato até a morte de José Francisco Monteiro.

Parece que muitas das decisões e escolhas posteriores à morte de seu avô vão no sentido de negar o itinerário e o destino que lhe havia sido traçado. Lobato abandona a carreira jurídica, tenta estabelecer-se como fazendeiro “moderno” — o que significava, entre outras coisas, questionar a “idéia de pedra” do fazendeiro monocultor de que o “café dá para tudo” (LOBATO, 1956b: 176-182) —, e, enfim, converte o capital econômico, resultante da venda da fazenda, na compra de uma editora, bem como seu capital social de grande fazendeiro em editor de novos autores, atividade cujos riscos são significativos ainda hoje.

Em outro momento (MORAES, 1995) pretendemos ter demonstrado que tais atitudes podem ser explicadas pela “proximidade distante” de Lobato com suas origens familiares e sociais; ou seja, se Lobato descende da nobreza imperial, não pôde contudo dispor de todos os atributos jurídicos de “filho legítimo” de seus antepassados ilustres⁶.

Aqui nos importa salientar que parte de sua concepção racial nasce no interior desse processo. O primeiro contato com o caboclo — “raça” a qual pertencia o Jeca — e com os negros escravos deu-se primeiro ainda criança nas terras do avô e depois como fazendeiro no interior paulista. Entre um e outro tempo, deu-se sua formação como bacharel, onde parte de sua compreensão acerca dos tipos raciais foi escolarizada e “cientificizada”. Não obstante o conhecimento ali adquirido justificasse a idéia da inferioridade racial do negro — no caso do caboclo é diferente —, e Lobato abraçasse plenamente a tese, ele usou a literatura para denunciar a crueldade e a violência contra os escravos, colocando, posteriormente, em destaque dois personagens negros

² Sobre os conceitos de *capital* e *espaço social*, cf. BOURDIEU, 1989a e 1989b.

³ Na verdade, seu nome de batismo era José Renato Monteiro Lobato. Posteriormente esse nome foi alterado, segundo o próprio Lobato em função de uma bengala que havia sido de seu pai e que trazia as inscrições “JBML” (de José Bento Marcondes Lobato). V. LOBATO, 1956g: 170.

⁴ O Visconde reconheceu todos os filhos que resultaram de relações extraconjugais, assim como seus netos.

⁵ Os antepassados de José Francisco Monteiro fixaram-se naquela região por volta de 1700 (cf. MONTEIRO, s/d).

⁶ Norbert Elias, ao estudar a trajetória de Mozart, salienta a mesma “proximidade distante” vivida por aquele músico na “sociedade de corte” (cf. ELIAS, 1995).

na sua obra.

Acreditamos que tal atitude inscreve-se naquela condição geral vivida por Lobato, seu incômodo em relação as suas origens e seu passado de neto bastardo de um grande senhor de escravos.

II. SOB AS ARCADAS

Quando, por imposição do Visconde⁷, Lobato segue para a capital, onde mais tarde formarse-ia bacharel na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, estaria dando continuidade a uma formação escolar semelhante a de outros jovens com a mesma alta origem social que a sua (MORAES, 1995 e 1996): início da alfabetização em casa, aluno de bons colégios no interior — no caso, Taubaté —, e curso superior na capital⁸. E é ali na Faculdade de Direito que, de maneira mais intensa e efetiva, Lobato irá encontrar os elementos que permitirão suas posteriores interpretações do mundo e da realidade brasileira, por mais que tenha dito não ter aprendido nada nas salas daquela instituição e se tornasse depois um dos grandes nomes do anti-bacharelismo⁹.

Concordamos com P. Bourdieu quando este chama atenção para o fato de que o sistema escolar é, nas “sociedades ‘escolarizadas’”, um produtor de referenciais e visões de mundo. Indo mais além, afirma este autor que: “do mesmo modo que a religião nas sociedades primitivas, a cultura escolar propicia aos indivíduos um corpo comum de categorias de pensamento que torna possível a comunicação” (BOURDIEU, 1982:

⁷ Lobato gostaria de ter estudado artes ou engenharia mas foi impedido pelo avô. É interessante notar que Lobato, visto como um bom estudante, tenha sido reprovado em português no primeiro exame para a Faculdade de Direito (cf. MORAES, 1995: 20-30).

⁸ À essa época já estavam constituídos cursos de Direito e Medicina no Brasil, o que permitiu que os estudantes aqui se formassem, diferentemente do quadro anterior, quando era necessário partirem para o exterior.

⁹ Lobato muitas vezes pretendeu passar a idéia de aluno relapso, característica que questionamos após análise das suas notas e conceitos. Cf. MORAES, 1985.

205), passando os indivíduos dever “à escola [...] sobretudo um repertório de lugares-comuns, não apenas um discurso e uma linguagem comuns, mas também terrenos de encontro e acordo, problemas comuns e maneiras comuns de abordar tais problemas comuns. Embora os homens cultivados de uma determinada época possam discordar a respeito das questões que discutem, pelo menos estão de acordo para discutir certas questões. É sobretudo através das problemáticas obrigatórias nas quais e pelas quais um pensador reflete que ele passa a pertencer à sua época podendo situá-lo e datá-lo” (BOURDIEU, 1982: 207).

Na Faculdade de Direito, Lobato irá entregar-se a uma das questões obrigatórias de então e, vale destacar, uma das que mais intensamente suscitou paixões, a saber, a discussão sobre o “caráter”, aqui entendido como características ou conjunto de traços morfológicos e psicológicos, da população brasileira. Posto de outro modo, as perguntas então feitas eram: *qual a raça do brasileiro?*; *qual melhor raça para o Brasil?*; *como “criar” este ideal racial?*

A formação escolar era processada nas salas de aula, mas também nos pátios, “repúblicas” e cafés, enfim em todos os locais que marcavam um estilo de vida, novo para muitos estudantes. Após as aulas, os estudantes procuravam os cafés onde continuavam a discussão que haviam iniciado em sala, com frequência para criticar a caducidade e arcaísmo da maioria dos autores utilizados por seus mestres. Este era um dos aspectos da vida na capital paulistana onde a “boêmia literária” ocupava lugar de destaque. Fazia parte dessa vida, como acontece aos boêmios, perambular pelas ruas após o fechamento dos cafés e, ao final da noite, recolher-se em sua pensão ou “república” (CAVALHEIRO, 1955; FREITAS, 1955 e ALMEIDA Jr., 1965). Com Lobato e seu grupo tal “ronda” era comum.

No quarto onde morava Lobato, sua pequena biblioteca revela suas leituras e influências, e mais que opção individual, destaca importantes autores da sua geração. Estavam lá, “sob aquelas capas verdes que as baratas roem de noite com estalidos irritantes, [...] a suprema suma do pensamento humano [...]” (LOBATO *apud* CAVALHEIRO, 1955: 77): Spencer, Darwin,

Taine, Nietzsche, Voltaire, Comte, Littré, Le Bon.

Comte e Littré já haviam sido apresentados a Lobato pelo seu professor do secundário, o positivista Germano Mostardeiro, a quem ficará ligado até a morte daquele.

Já em São Paulo, um primeiro autor descoberto por Lobato foi Gustavo Le Bon, de quem fala: “Le Bon descortina aos olhos atônitos do leigo o panorama geral da concepção científica do mundo. Que bombardeio aéreo, que chuva de picaretas demolidoras me foi aquilo. Não ficou de pé um adobe do edifício da minha catolicidade caseira. Dum momento para outro vi-me transformado em montão de ruínas” (LOBATO *apud* CAVALHEIRO, 1955: 68).

Bem mais impressionado ficará com o filósofo alemão F. Nietzsche. Escrevendo a um de seus amigos sentencia: “Considero Nietzsche o maior gênio da filosofia moderna. É o homem ‘objetivo’. Dum banho de Nietzsche saímos lavados de todas as craquis vindas do mundo exterior e que nos desnaturam a individualidade. Da obra de Spencer saímos spencerianos; da de Kant saímos kantistas; da de Comte, saímos comtistas — da de Nietzsche saímos tremendamente nós mesmos. Nietzsche é potassa cáustica. Tira todas as gafeiras” (LOBATO *apud* CAVALHEIRO, 1955: 113).

Não é à toa que entre os autores disponíveis, Le Bon e Nietzsche, dois que ocupam lugar de destaque, o que claramente Lobato “ama” nesses homens são suas teses de superioridade racial, de superioridade das elites sociais, da possibilidade de construção de um “super-homem”¹⁰.

Apresentaremos em seguida os tipos raciais

¹⁰ É interessante pensarmos nos usos e nas ligações de *conceitos* e autores feitos por Lobato. Elas são um exemplo dos arranjos e ressignificação histórica de autores e obras, como muito bem chamou atenção Chartier (1994). Por exemplo, Le Bon hoje é um autor praticamente esquecido, somente utilizado para apontar as origens e bases “científicas” do preconceito racial; Nietzsche, por sua vez, é re-apropriado como um autor libertário, crítico feroz do saber ocidental. Colocar Le Bon e Nietzsche lado a lado, tal como feito por Lobato e seus contemporâneos, seria, hoje, impensável.

do brasileiro segundo Monteiro Lobato, apontando a mudança operada por este autor nesses personagens.

III. O JECA E SUAS METAMORFOSES

III.1 “O Jeca é o pecado nacional”.

Quando Monteiro Lobato herda, com a morte de seu avô, uma grande fazenda em Taubaté, resolve abandonar a carreira jurídica (era promotor em Areias, São Paulo), idéia que acalentava há algum tempo. Lobato reclamava que a vida no interior, muito diferentemente da da capital, era entediante e “emburrecedora”, e tinha planos para mudar de Areias, indo para uma das ricas cidades do norte paulista. Com o desaparecimento do avô, Lobato vislumbra a oportunidade de mudar não só de lá, mas de atividade, mudar de vida, enfim. Ele não sairá do interior, mas ao menos tentará pôr em prática uma disposição há algum tempo com ele: ser um fazendeiro moderno, com uma fazenda moderna, distinguindo-se dos fazendeiros tradicionais presos à monocultura cafeeira. Encontramos em seus contos relatos dessa mentalidade, aqui representada pelo fazendeiro major Mimbúia: “Todo ele recendia a *passado* e *rotina*. Na cabeça habitavam *as idéias de pedra*. [...] uma pedra, um verdadeiro monolito que só cuidava de colher, de secar café, de adorar o café. Se algum atrevido ousava insinuar-lhe a necessidadezinha de plantar outras coisinhas, um mantimentozinho humilde que fosse, Mimbúia fulminava-o com apóstrofes. ‘*O café dá para tudo*. Isso de plantar mantimentos é estupidez. Café. Só café’. ‘Mas, com seu perdão, major, se algum dia, que Deus nos livre, o café baixar e...’ ‘Café não baixa e se baixar sobe de novo. Vocês não entendem dessa história — depois, olhe, *eu não admito idéias revolucionárias* em minha casa, já ouviu?’” (LOBATO, 1956b: 178-179; grifos meus).

Lobato pensava que as mudanças que ele introduziria na propriedade herdada provocaria uma verdadeira revolução. No entanto, após grandes investimentos, sua tentativa fracassa. Ele havia esbarrado em inúmeros obstáculos: terras improdutivas, região decadente, falta de mão-de-obra qualificada etc. Apesar de todos esses fatores, Lobato coloca a culpa, quase que exclusivamente, no último. Ou seja, o maior motivo de seu insucesso seria de origem racial e se

chamava *caboclo*, o “funesto parasita da terra”, que vivia mal por sua própria culpa, era mestre em queimadas (já aquela época combatida como prática agrícola) e “eleitor do governo”. Foi de um de seus acessos de raiva contra o caboclo que nasceu, em 1914, o conto “Velha praga”¹¹, publicado n’*O Estado de S. Paulo*, jornal onde Lobato conhecia muita gente desde o tempo do curso na Faculdade de Direito. Essa história dará, como conta Lobato, origem ao famoso “Urupês” que posteriormente, e em função do grande sucesso junto ao público, será título de um livro de contos publicado em 1918¹².

Na “Velha Praga”, Lobato enfurecido principalmente com as queimadas que os caboclos atevavam nas suas terras, mas acabavam por espalhar-se também pela dele, traça, com crueldade, o perfil do Jeca, aqui referido como “pio-lho da terra”: “A nossa montanha é vítima de um parasita, um piolho da terra, peculiar ao solo brasileiro como o ‘Argas’ o é aos galinheiros ou o ‘Sarcoptes mutans’ à perna das aves domésticas. [...] Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. [...] O caboclo é uma quantidade negativa” (LOBATO, 1956a: 271 e 275; grifos meus).

E, como chama atenção Cavalheiro, no artigo — que vinha sendo gestado desde 1912, quando toca no assunto com seu amigo Godofredo Rangel — Lobato “não dissera tudo. Não desabafara integralmente” (1955: 177). Em uma carta, privadamente, escreve: “Um feto que já me dá pontapés no útero é a simbiose do caboclo e da terra,

é considerado o mata-pau da terra, constritor e parasitário, aliado do sapé e da samambaia, um *homem baldio, inadaptável à civilização* [...] Começo a acompanhar o piolho desde o estado de lêndea, no útero de uma cabocla suja por fora e inçada de superstições por dentro. Nasce por mãos de uma negra parteira, senhora de rezas mágicas de macumba. Cresce no chão batido das choças e do terreiro, entre galinhas, leitões e cachorros, com uma eterna lombriga de ranho pendurada no nariz. Vê-lo virar menino, tomar o pito e a faca de ponta, impregnar-se do vocabulário e da ‘sabedoria’ paterna, provar a primeira pinga, queimar o primeiro mato, matar com a pica-pau a primeira rolinha, casar e passar a pio-lhar a serra nas redondezas do sítio onde nasceu até que a morte o recolha (LOBATO *apud* CAVALHEIRO, 1955: 177; grifos meus).

No artigo “Urupês” — a começar pelo título, pois a palavra indica um tipo de fungo encontrado em madeira decomposta —, Lobato volta à carga, continuando de maneira impiedosa seu ataque ao Jeca. Vejamos algumas partes pitorescas da descrição dos hábitos do Jeca: “Começa na morada. Sua casa de sapé e lama faz sorrir aos bichos que moram em toca e gargalhar ao João-de-Barro. Pura biboca de bosquímano. [...] O fato mais importante de sua vida é sem dúvida votar no governo. [...] Vota. Não sabe em quem, mas vota. [...] O sentimento de pátria lhe é desconhecido. Não tem sequer a noção do país em que vive. [...] A idéia de Deus e dos santos torna-se jeco-cêntrica. São os santos os graúdos lá de cima, os coronéis celestiais [...] O caboclo é noturno. [...] No meio da natureza brasílica, tão ricas de formas e cores, onde os ipês floridos

¹¹ Em outro texto (cf. MORAES, 1985: 47-53) analisei como, para Lobato, a literatura “funcionou” como um elemento através do qual dava vazão a suas iras, sendo, como ele mesmo dizia, sua forma de vingar-se de seus desafetos. Naquela ocasião, chamamos atenção para importância deste fato, uma vez que vingar-se através da literatura era no mínimo incomum a um fazendeiro de uma região marcada por relações escravistas e cujas práticas quotidianas continuavam a ser marcadas pela violência, como bem ressaltou Franco (1983).

¹² *Urupês* foi o segundo livro editado por Lobato utilizando as oficinas d’*O Estado de S. Paulo*. O primeiro foi uma enquete sobre o saci. Tendo vendido

a fazenda em 1917, ele pretendia transformar-se em empresário cultural, editor, o que torna-se realidade não só com o capital derivado da venda de suas propriedades, mas também a partir de suas sólidas relações estabelecidas com o grupo que controlava o jornal *O Estado de S. Paulo*. Esse grupo desfrutava de grande importância na política paulista, e tinha entre seus diretores Júlio de Mesquita, Alfredo Pujol e Luis Pereira Barreto, representados politicamente pelo Partido Republicano Paulista. Graças a essas amizades Lobato pôde comprar a *Revista do Brasil*, uma das mais conhecidas revistas de cultura de então, e de onde se projetaria como editor. Para maiores detalhes, cf. MORAES, 1995.

derramam feitiços no ambiente [...]; onde há abelhas de sol, esmeraldas vivas, cigarras, sabiás, luz, cor, perfume, vida dionisiaca em escaço permanente, *o caboclo é o sombrio urupê de pau podre a modorrar silencioso no recesso das grotas. Só ele não fala, não canta, não ri, não ama. Só ele, no meio de tanta vida não vive...*” (LOBATO, 1956a: 277-289; grifos meus).

A visão que se tinha então do caboclo não era essa que Lobato apresentava através do Jeca. Na literatura, o caipira era celebrado “como uma criatura simples mas feliz, cheia de bons sentimentos” (CAMPOS, 1986: 17). O *Juca Mulato* de Menotti del Pichia é um exemplo desse modelo. Outros “heróis”, como veremos, serão construídos após a publicação de *Urupês*. Tal debate sobre as qualidades e defeitos do homem brasileiro na verdade, como salienta Campos, nasceu de “um surto de nacionalismo” cujo “objeto da discussão era o próprio Brasil” (1986: 18).

Urupês, o livro, foi um sucesso desde o primeiro momento, resultado que ampliou-se após ser citado por Rui Barbosa em campanha presidencial, produzindo um debate donde emergiram vários “tipos humanos” que contrapunham-se ao Jeca Tatu: “[...] Ildefonso Albano revelou então ao Brasil o oposto do Jeca, o bravo ‘domador do deserto’, o intrépido ‘desbravador da Amazônia’, o Mané Chique-Chique, ‘rocha viva da nacionalidade’ [...]. Se o Norte opunha ao Jeca essa hercúlea e perfeita encarnação de herói, o Sul pela pena de Rocha Pombo não ficava atrás: lá havia o Jeca Leão, também o oposto do Tatu, figura cheia de virtudes e de nenhum defeito” (CAVALHEIRO, 1955: 211).

E o Jeca continuará alvo dos ódios de Lobato para tudo que não dava certo na fazenda: “piolho”, preguiçoso, vagabundo, quadrúpedes, quadrumanos etc. Mas o Jeca começará a ser reabilitado após a venda da fazenda em 1917.

III.2 “Amigo Jeca, o que você tem é doença”.

A primeira metamorfose que reabilita o Jeca acontece com o personagem no conto “Jeca Tatu — a ressurreição”¹³. Aqui, um médico desco-

bre que o Jeca não é preguiçoso, vadio, bêbado etc. (e some-se aqui os adjetivos postos anteriormente), por sua “natureza”, mas por encontrar-se doente.

Em um artigo anterior, Lobato, agora longe da fazenda e das queimadas, já falava na “ressurreição” do Jeca, promovida pela ação sanitária de padres franceses, sentenciando: “É mister curando-o, valorizar o homem da terra, largado até aqui no mais criminoso abandono. Cura-lo é criar riqueza. [...] A nossa gente rural possui ótimas qualidades de resistência e adaptação. [...] O pobre caipira é positivamente um homem como o italiano, o português, o espanhol. Mas é um *homem em estado latente*. Possui dentro de si grande riqueza de forças. Mas *força em estado de possibilidade*. [...] *O caipira não ‘é’ assim. ‘Está’ assim*” (LOBATO, 1956f: 281-286; grifos meus).

Temos aqui o Lobato “sanitarista”, fase que está representada em sua obra pelo livro *Problema vital*, onde estão publicados, além do texto supracitado, vários outros onde os problemas do Brasil, inclusive aqueles antes vistos como males da “raça”, são creditados à falta de higiene e saneamento, que roubariam a saúde do povo. Problema produzido pela má gestão do governo, um governo de bacharéis, o *Triatoma bacalaureatus*, que deveria entregar “o cetro da governança ao higienista, para que este, aliado ao engenheiro, consertem a máquina brasílica, desengonçada pela ignorância enciclopédica do rubim” (LOBATO, 1956f: 245). Acompanhava Lobato um grande debate nacional que colocava os problemas relativos à degeneração do caráter do povo brasileiro na falta generalizada de higiene¹⁴ (cf. MAIO e SANTOS, 1996: 23-39 e MARQUES, 1994).

produzido por seus laboratórios, é que nasce o popular Jecatuzinho. Veiculado através de pequenos libretos e em grandes tiragens, a história correu todo o País.

¹⁴ Quando, em 1933, Gilberto Freyre defenderá as qualidades da miscigenação e assim acabará por valorizar como positivo o “caráter” do povo brasileiro, ele utilizará como argumento o fato de que a degenerescência observada seria resultado da má alimentação e da ação da sífilis. Cf. FREYRE, 1987: 04-53.

¹³ Foi quando este conto foi adotado por Candido Fontoura para fazer propaganda de um fortificante

É impossível não lembrarmos da imposição do avô impedindo Lobato de fazer outro curso superior que não Direito. Ao que parece, a vingança de Lobato tardou, mas não falhou.

III.3 “O mundo é dos ricos e Zé Brasil nasceu pobre”.

Com o *Zé Brasil* o Jeca agora metamorfoseia-se completamente, muda de nome inclusive. Publicado em 1947, portanto um ano antes de sua morte, pela Editora Vitória, *Zé Brasil* mostra um Lobato preocupado em localizar nas condições socioeconômicas do homem brasileiro os seus principais males. Muito próximo do Partido Comunista Brasileiro, a ponto de participar de campanhas em prol do PCB e publicar pela editora desta agremiação, Lobato creditará de maneira específica à concentração fundiária e ao coronelismo os males que afligem o homem que um dia foi o Jeca Tatu, bem como apontará a solução ao indagar ao Zé Brasil (e responder por ele!): “E se você fosse dono das terras [...]. Ah, aí tudo mudava. Se eu tivesse um sítio, fazia uma casa boa, plantava árvore de fruta, e uma horta, e até um jardimzinho [...]. Mas como fazer [...] em terra dos outros, sem garantia nenhuma? Vi isso com o Coronel Tatuíra. Só porque naquele ano as minhas roças estavam uma beleza, ele *não resistiu à ambição* e me tocou (LOBATO *apud* LAJOLO, 1981: 94; grifos meus).

Muito curioso é como o tal Coronel Tatuíra assemelha-se ao que Lobato poderia ter se tornado. O Cel. Tatuíra¹⁵ era, como Lobato, herdeiro de uma propriedade com dois mil alqueires, exatamente a medida das terras herdadas por Lobato do avô, com a diferença de que para o coronel a herança deu-se através do pai, diversamente do caso de Lobato que herdou as terras direto do avô. Ele parece querer justificar, trinta anos depois, a venda da fazenda.

IV. OS MISTIÇOS

VI.1 A “inconsciente vingança”.

Monteiro Lobato pela sua formação, ou melhor, pela formação de sua geração, era evolucionista e, nesse esquema de pensamento, como não poderia deixar de ser, os negros ocupavam um lugar inferior aos brancos e superior aos mestiços, particularmente aos mulatos na escala racial. Os indígenas, por sua vez, estariam situados abaixo dos brancos, mas acima dos negros. Tal hierarquização é indicativa de que Lobato era tributário das teses eugenistas que condenavam a miscigenação, pregando a pureza racial. E fazia questão de esclarecer sua posição diante desta classificação. Em 1926, em carta a Rangel na qual falava sobre o Rio de Janeiro, onde estava morando e dirigindo a sucursal da Cia. Editora Nacional, Lobato — dizendo ora que gostava muito do Rio, ora comparando-o a um “tremendo cancro que parasita e suga toda a seiva do Brasil” (LOBATO, 1944: 459) — confessa que “a paisagem tropical me cansa”, diferentemente “da paisagem dos países frios”, porque, segundo ele, não tinha “o índio e o negro na alma. [E] o tropicalismo me parece coisa de índio e negro da África” (LOBATO, 1944: 459).

Ao Rio de Janeiro Lobato sempre associou um “calor sufocante”, um local de intensa mestiçagem. Em carta ao mesmo Rangel em 1908, portanto 18 anos antes da correspondência anteriormente citada e quando ainda era promotor em Areias, descreve assim a cidade: “Estive uns dias no Rio. *Que contra-Grécia é o Rio! O mulatismo dizem que traz dessoramento do caráter. Dizem que a mestiçagem liquefaz essa cristalização racial que é o caráter e dá uns produtos instáveis.* Isso no moral — e no físico, que feiúra! Num desfile, à tarde, pela horrível rua Marechal Floriano, da gente que volta para os subúrbios, perpassam todas as degenerescências, todas as formas e má-formas humanas — todas, menos a normal. *Os negros da África, caçados a tiro e trazidos à força para a escravidão, vingaram-se do português da maneira mais terrível — amulatando-o e liquefazendo-o,* dando aquela coisa residual que vem dos subúrbios pela manhã e reflui para os subúrbios à tarde. E como vão apinhando como sardinhas e há um desastre por dia, metade daquela gente não tem braço ou não tem uma perna, ou falta-lhes um dedo, ou mostram uma terrível cicatriz na cara. ‘Que foi?’ ‘Desastre da

15 Segundo o Dicionário Aurélio, *tatuíra* vem do tupi e indica “tatu pequeno”. O nome pode significar também um crustáceo que vive enterrado na areia, a pouca profundidade.

Central¹⁶. Como consertar essa gente? *Como sermos gente, no concerto dos povos?* Que problemas terríveis o pobre negro da África nos criou aqui, na sua inconsciente vingança... Talvez a salvação venha de São Paulo e outras zonas que intensamente se injetam de sangue europeu. *Os americanos salvaram-se da mestiçagem com a barreira do preconceito racial*. Temos também aqui essa barreira, mas só em certas classes e certas zonas. No Rio não existe” (LOBATO, 1944: 133; grifos meus)¹⁷.

Neste trecho, onde mapeia seus valores raciais, deixa claro como vê o efeito miscigenação, demarcando, também, sua posição em relação aos negros, que seriam uns coitados que vingaram-se da escravidão tornando-se o elemento “amulador” da nação. Contra o negro enquanto individualidade racial, a não ser o fato de serem inferiores, nenhum problema.

V. OS NEGROS

V.1 “Olhemos para o Senegal”.

Lobato considerava os negros inferiores quando comparados aos brancos. Quando, por exemplo, ao fazer a defesa da indústria editorial brasileira — cujo produto principal, o livro, Lobato tomava como um das amostras mais fundamentais de civilização —, e chamar a atenção para o “primitivismo” onde nos lançaríamos sem livros, utiliza como exemplo “nações” e povos negros. Em um destes artigos diz Lobato: “[...] *O Senegal não edita livros. Não obstante, a pretalhada vive luzidia, contente da vida, felicíssima, com o cérebro em edênico repouso*. Olhemos o Senegal. Letras nunca deram felicidade a ninguém, e o ideal de um povo não pode ser outro senão a felicidade do músculo e do cérebro. Já que em tudo é forçoso imitar, imi-

¹⁶ Lobato refere-se aqui a uma realidade até hoje observável no sistema ferroviário do Rio de Janeiro.

¹⁷ Esta interpretação do Rio de Janeiro feita por Lobato é, sem dúvida, reflexo da influência, além dos autores e “escolas” já citados, de Euclides de Cunha, autor que Lobato muito admirava, colocando-o entre os melhores que já havia lido. Neste trecho, à maneira euclidiana, Lobato fará uma relação entre o *litoral* e o *interior*. Cf. CAVALHEIRO, 1955; CUNHA, 1982; GARCIA Jr., 1981 e 1993.

temos o país da felicidade pura, onde não há nenhum dos males decorrentes do papel impresso. *Pretos por fora e por dentro, toda a gente lá come e digere na perfeição, sem nunca sentir necessidades mentais. É um Éden*, aquilo. Ora, está em nossas mãos ter um Éden em segunda via por cá, gordo e feliz. Tenhamo-lo” (LOBATO, 1956f: 182, 183 e 186; grifos meus).

Outro momento em que Lobato exhibe seu racismo de maneira mais intensa e onde explicita parte de seu projeto eugenista é aquele relacionado à composição de seu primeiro romance. Vale destacar a importância do tema “raça” para Lobato e seus contemporâneos. Quando pretendeu escrever um romance que o consagrasse, pensou em um livro tratava justamente desse assunto.

Era o ano de 1926 e estava Lobato de malas prontas para assumir o cargo de Adido Comercial nos EUA — o que dar-se-ia graças aos seus contatos políticos. Precisando de dinheiro para sanar dívidas junto a amigos e parentes, pensou então em dar corpo a um romance cujo tema seria o conflito racial que “matutava” desde de 1905 (CAVALHEIRO, 1955: 339). A idéia era escrever um “romance americano, isto é, editável nos Estados Unidos”, e que o notabilizasse lá também. E informava a Rangel: “Já comecei e caminha depressa. Meio a Wells, com visão do futuro. *O clou será o choque da raça negra com a branca*, quando a primeira, cujo índice de proliferação é maior, alcançar a branca e batê-la nas urnas, elegendo um presidente preto! *Acontecem coisas tremendas, mas vence por fim a inteligência do branco*. Conseguem por meio dos raios N, inventados pelo professor Brown, esterilizar os negros sem que estes dêem pela coisa” (LOBATO, 1955: 476).

O romance foi um fracasso, não encontrando nenhuma receptividade junto aos editores americanos. Segundo Cavalheiro, tal resultado deveu-se ao fato de que o “assunto era tabu” nos EUA, era falar de “corda em casa de enforcado” (1955: 340). Neste romance, Lobato não deixa dúvidas quanto ao seu racismo e a sua proposta de “conserto do mundo através da eugenia” (CAVALHEIRO, 1955: 341).

É, no entanto, nossa intenção demonstrar que essa concepção de Lobato possui alguns ele-

mentos amenizadores, os quais são interessantes serem evidenciados, pois podem assim dar uma idéia mais complexa e completa das idéias racistas e eugenistas no Brasil.

V.2 *Negrinha*

Lobato, em “Urupês” (1914), considerou os negros como capazes de manifestar sua indignação ou alívio quanto aos atos cruéis cometidos contra eles¹⁸, enquanto via no Jeca Tatu atitudes opostas. Um desses momentos vale ser melhor analisado, pois nele, e estamos no tempo de “Urupês”, Lobato fará um dos raros elogios ao mulato como um bom resultado da miscigenação. Diz ele ser a *modinha* uma “arte mulata”, e não o produto, como alguns diziam, do caboclo: “A modinha, como as demais manifestações de arte popular existentes no país, é obra do mulato, em cujas veias o sangue recente do europeu, rico de atavismos estéticos, borbulha d’envolta com o sangue selvagem, alegre e são do negro” (LOBATO, 1956a: 291).

E, gostaríamos de destacar, apesar dessa postura evolucionista, Lobato foi um duro crítico da violência cometida contra os negros. Um de seus contos, “Negrinha”, é exemplar.

Nele Lobato fará a crítica a uma fazendeira ex-senhora de escravos e à Igreja Católica, dois personagens que atacará sempre que possível. É interessante que a protagonista de “Negrinha” fosse “mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados” (LOBATO, 1956c: 03).

Lobato descreve a vida de uma órfã de sete anos, filha de escravos, cuja patroa era uma senhora “gorda, rica, dona do mundo, a mimada dos padres, com lugar certo na Igreja e camarote de luxo no céu [...] ‘dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral’, dizia o reverendo.” (LOBATO, 1956c: 03); Mas que “não admita choro de criança”. Lobato constrói como personagem uma matrona cuja perver-

sidade contra a “negrinha”, alvo de todo tipo de torturas, é um dos exemplos mais aterradores da violência perpetrada pelos senhores contra seus escravos. Vejamos alguns trechos: “A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos — e daquelas ferozes [...]. Nunca se afizera ao regime novo — essa indecência de negro igual a branco [...]” (LOBATO, 1956c: 03-12).

Podada pela lei que libertou os escravos, “criava” a “negrinha” de quem era tutora; na verdade, mantinha a criança para “matar as saudades” do tempo da escravidão. Qualquer coisa que “negrinha” fizesse era alvo da “ação educativa” de Dona Inácia. Certa feita, achando que “negrinha” teria indevidamente dito impropérios, pediu um ovo, pô-lo para cozinhar e “de mãos à cinta, gozando na prelibação da tortura”, espera. Quando o ovo chegou, chamou “a mísera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava, trêmula”. Ordenou que abrisse a boca e pegando o ovo, “[...] zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. [...] ‘Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste?’ E a virtuosa dama voltou contente da vida para o trono, a fim de receber o vigário que chegava. ‘Ah, monsenhor! Não se pode ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre órfã, filha da Cesária — mas que trabalhadeira me dá!’ ‘A caridade é a mais bela das virtudes cristãs, minha senhora, murmurou o padre’. ‘Sim, mas cansa...’” (LOBATO, 1956c: 03-12).

Durante umas férias escolares, as sobrinhas da patroa chegam à fazenda e juntam “negrinha” aos seus brinquedos; Dona Inácia dá, para não atrapalhar as sobrinhas, uma trégua à órfã que brinca “elevada à altura de ente humano”. No entanto, após a partida das meninas com suas bonecas, e apesar de Dona Inácia lhe dar uma folga das judiarias, “negrinha”, na lembrança dos brinquedos e das brincadeiras, momento em que fora criança, cai “numa tristeza infinita” e morre. A parte final do artigo onde Lobato narra a morte da criança e a lembrança que ela deixará possui uma pesada carga dramática: “Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono [...]. Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha

¹⁸ Vejamos o que diz Lobato sobre o impacto da abolição dos escravos sobre os negros e os caboclos: “Pelo 13 de Maio, mal esvoaça o florido decreto da Princesa e o negro exausto larga num uf! o cabo da enxada, o caboclo olha, coça a cabeça, ‘magina’ e deixa que do velho mundo venha quem nele pegue de novo” (LOBATO, 1956a: 281).

de terceira — uma miséria, trinta quilos mal pesados... E de negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma cômica, na memória da meninas ricas. ‘Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?’ Outra de saudade, no nó dos dedos de Dona Inácia. ‘Como era boa para um cócre!...’ (LOBATO, 1956c: 03-12).

Este conto esteve entre os mais populares de Lobato, angariou simpatias e teve um papel importante de denúncia da crueldade dos senhores de escravos junto a um público que não era pequeno, leitor de seus textos (CAVALHEIRO, 1955: 279). Foi também em função de textos e contos como este, onde a Igreja Católica era denunciada como conivente com a perversidade contra os negros, que Lobato passou a ser *persona non grata* para a instituição.

V.3 “As negras velhas são sempre muito sábidas”.

Mas Lobato vai além da denúncia contra a violência, “construindo” negros sabidos e sábios. Para observarmos como opera essa construção é importante que nos reportemos a um dos textos de Monteiro Lobato de maior sucesso junto ao público infantil: o *Sítio do Pica-Pau Amarelo*.

Campos (1986) intitula o *Sítio* de a *República do Pica-Pau Amarelo* e assim chama atenção para o fato de que aquela propriedade possui uma lógica própria, com leis e personagens particulares. No aspecto legal, nada de muito diferente de outras propriedades ou latifúndios, uma vez que muitas delas funcionavam como unidades autônomas, com suas próprias leis. As diferenças entre o *Sítio* e as outras começam no fato de que o *Sítio* era uma república onde valiam princípios de liberdade e fraternidade. Mas as diferenças vão mais além: o *Sítio* é um local de inversão da hierarquia de uma fazenda, a começar pelo que o termo *sítio* denomina, segundo o dicionário *Aurélio*: estabelecimento agrícola de pequena lavoura; fazendola; moradia rural, ou chácara nas imediações da cidade. O termo não nomeia grande fazenda ou latifúndio. Nele as figuras dominantes são as mulheres e as personagens que protagonizam as histórias são, além das mulheres, crianças e animais. Alguns homens adultos são vizinhos do sítio ou nele trabalham, mas são personagens inexpressivos

ou secundários. Os negros são trabalhadores livres e ocupam lugar importante na hierarquia do *Sítio*; são trazidos para o círculo familiar e passam a ser “tios”. Além de tudo, há uma boneca de pano, Emília, feita pela negra Anástacia, e que por um ato mágico “vira gente”. São ainda personagens daquele surpreendente lugar um porco e uma espiga de milho, que passou a ter vida própria, e detentores de títulos da nobreza imperial: o Marquês de Rabicó e o Visconde de Sabugosa. Mas note-se: eles estão, na hierarquia particular do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, completamente submissos.

A proprietária e liderança do *Sítio* é Dona Benta, fato que nos coloca diante de situação pouco comum ao mundo rural, o mando exercido por uma mulher. Emília, outra figura feminina, surge após “ganhar vida” como a consciência crítica do *Sítio*. Haveria outras e muito interessantes questões a serem analisadas a respeito dos personagens do *Sítio*, mas limitaremos a investigar com mais cuidado o papel dos negros.

A segunda mulher que aparece como responsável pela guarda das crianças, e em ajudar Dona Benta na administração quotidiana do *Sítio*, é a cozinheira negra “Tia” Nastácia. Ela ocupa uma posição inferior à Dona Benta, mas de destaque. Às vezes é vista como supersticiosa, medrosa ou protagoniza uma situação cômica qualquer. Enquanto Dona Benta trata de assuntos acadêmicos e científicos, como nos livros *Geografia de Dona Benta* e *Serões de Dona Benta* e *História das Invenções*¹⁹, Tia Nastácia é “o povo”, a porta-voz do senso comum (como aparece nos *Serões*), um conhecimento que Lobato considerava como inferior. Mas Tia Nastácia também ganhou seu livro que se intitulou *Histórias de Tia Nastácia*. Na parte introdutória desse livro, onde se explica como ele se originou, Lobato através da boca de suas personagens fala dos conhecimentos da negra.

¹⁹ O primeiro livro trata de noções de geofísica até de geografia propriamente dita, e através dele “viajase” pelas diferentes regiões do Brasil e do mundo. O segundo trata de física, astronomia e das descobertas e invenções humanas. O dois possuem a mesma estrutura: são *serões* ou *lições* dadas às crianças por Dona Benta. Cf. LOBATO, 1956h e 1956i.

Segundo a fabulação, Pedrinho andava interessado em saber o significado da palavra *folclore* e pede a Emília que vá saber com a avó, e a partir da resposta dada tem uma idéia: “Dona Benta diz que *folk* quer dizer gente, povo; e *lore* quer dizer sabedoria, ciência. *Folclore* são as coisas que o povo sabe por boca, de um contar para o outro, de pais a filhos — os contos, as histórias, as anedotas, as superstições, as bobagens, a sabedoria popular etc. e tal”. ‘Por que pergunta isso, Pedrinho?’ [...] Uma idéia que eu tive. Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando de um para outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer tia Nastácia para tirar o leite de *folclore* que há nela’. [...] As negras velhas — disse Pedrinho — são sempre muito sabidas. Mamãe conta de uma que era um verdadeiro dicionário de histórias folclóricas [...]’. Foi assim que nasceram as *Histórias de Tia Nastácia* (LOBATO, 1956j: 03 e 04; sem negritos no original).

Outro negro que tem lugar importante no *Sítio*, apesar de aparecer pouco, é “Tio” Barnabé, “um negro sabido” de mais de oitenta anos. É o Tio Barnabé que irá ensinar Pedrinho a capturar um saci, e o negro é a pessoa que mais “entende de todas as feitiçarias, e de saci, de mula sem-cabeça, de lobisomem — de tudo” (LOBATO, 1956j: 184). Mais uma vez trata-se de um conhecimento “folclórico”; no entanto, é também um conhecimento que impressiona o “menino branco da cidade” que neste ponto não se diferenciava dos “meninos nascidos e crescidos na roça”. É com as informações dadas por Tio Barnabé que Pedrinho captura um saci de quem fica amigo, e com quem durante uma noite visita as lendas brasileiras. Lendas que são muito importantes para Lobato — não podemos esquecer que alguns anos antes ele havia feito uma pesquisa sobre as diversas representações do saci no Brasil, e o resultado seria o material de seu primeiro livro —, pois iriam preenchendo espaços da imaginação com elementos “genuinamente nacionais”²⁰. E assim, ainda que Tia

Nastácia e Tio Barnabé representem o “saber do povo”, o senso comum, enfim, um conhecimento “menor” que aquele representado pelo saber de Dona Benta, não é possível desqualificá-los, principalmente quando localizamos o papel desse “saber comum” no esquema lobatiano.

CONCLUSÃO

Pretendemos, neste artigo, analisar o lugar de Monteiro Lobato no debate sobre o “caráter nacional brasileiro” e sobre a “raça do brasileiro”. Vimos que Lobato, como toda a sua geração, colocava-se, na maior parte das vezes, contra a miscigenação, aderindo ao discurso eugenista de então. Discurso produzido e refinado no espaço da produção científica e propagado através dos bancos escolares.

Dois tipos raciais têm destaque na obra de Lobato: o caboclo e o negro. O primeiro foi “vítima” de Lobato pelo período em ele foi fazendeiro, creditou ao Jeca todos os infortúnios — alguns dos quais, como as queimadas, eram reais — que sofreu naquele período. No entanto, tão logo Lobato se distanciou das atividades agrícolas, tratou de reabilitar o Jeca, que seria agora vítima da falta de saneamento, depois transformado no Zé Brasil, resultado das péssimas condições de vida do país.

Com os negros e mulatos as coisas são diferentes. Com o mulato, tipo mais comum e visível de mestiço, Lobato, à exceção de alguns raros momentos, foi implacável: o amulamento da raça foi a “vingança inconsciente”, o castigo sofrido por ter-se escravizado os negros. Esta concepção Lobato não mudaria.

Os negros ocupavam uma posição superior aos mestiços mas inferior aos brancos. Foram descritos como incivilizados e incapazes de pensar. Foram, ainda, alvo de uma história de ficção eugenista cujo enredo é francamente racista. Por outro lado, e de outra forma, tiveram, também, lugar destacado na literatura lobatiana, ocuparam as páginas mais dramáticas de seus contos,

²⁰ Livros, escolas e crianças interagindo passaram a ser para Lobato o principal alvo na sua “cruzada” de construção do Brasil. Juntamente com uma ação para fundar empresas nacionais, controladoras ou produtoras de petróleo, ferro e aço, “base da nação”, esfor-

çava-se para, através de seus escritos, principalmente os infantis, criar desde cedo um *sentimento de brasilidade*, condição imprescindível à *constituição da nacionalidade*.

quando através deles denunciou a violência da escravidão. Tiveram boa visibilidade como personagens do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, e ainda que associado a produtos vistos por Lobato como “inferiores” — como por exemplo: folclore, saber popular, “crendices” etc. —, acabaram por assumir posições em que definiam e “amaravam” o enredo.

Chamamos a atenção aqui que as posturas,

ora mais, ora menos ambíguas de Lobato — e não só em relação aos temas que aqui exploramos —, podem ter sido originárias de um processo de inserção social pouco confortável em função de sua condição bastarda.

O caso de Monteiro Lobato é um bom exemplo de como idéias dominantes e temáticas obrigatórias podem variar segundo a inserção e a prática singularizadas de cada um dos agentes sociais.

Pedro Rodolfo Bodê de Moraes (pbmoraes@coruja.humanas.ufpr.br) é Mestre em Antropologia Social (Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Professor Assistente de Sociologia no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO**, Sérgio. (1988). *Os aprendizes do poder — o bacharelismo liberal na política brasileira*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- ALMEIDA Jr.**, Almeida. (1965). *Sob as Arcadas*. Rio de Janeiro, MEC.
- BOURDIEU**, Pierre. (1982). “Sistemas de ensino e sistemas de pensamento”. In: *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva.
- BOURDIEU**, Pierre. (1989a). “A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo”. In: *O poder simbólico*. Lisboa, Difel.
- BOURDIEU**, Pierre. (1989b). “Espaço social e gênese das ‘classes’”. In: *O poder simbólico*. Lisboa, Difel.
- CAMPOS**, André L. Vieira de. (1986). *A República do Pica-Pau Amarelo — Uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo, Martins Fontes.
- CANTINHO FILHO**, Raphael. (1934). *Os bacharéis de 1904 — reminiscências*. São Paulo, Editora do Autor.
- CAVALHEIRO**, Edgard. (1955). *Monteiro Lobato — vida e obra*. 2 vols. São Paulo, Cia. Ed. Nacional.
- CHARTIER**, Roger. (1994). *A ordem dos livros*. Brasília, Ed. da UnB.
- CUNHA**, Euclides da. (1982). *Os Sertões — campanha de Canudos*. São Paulo, Abril Cultural.
- ELIAS**, Nobert. (1995). *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.
- FRANCO**, Maria Sylvia de Carvalho. (1983). *Homens livres na ordem escravocrata*. 3aed. São Paulo, Kairós.
- FREITAS**, Affonso A. (1955). *Tradições e reminiscências paulistanas*. 2aed. São Paulo, Martins Fontes.
- FREYRE**, Gilberto. (1987). *Casa Grande e senzala*. 25ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Ed.
- GARCIA Jr.**, Afrânio R. (1981). “O Brasil como representação”. *Comunicação*, Rio de Janeiro, 6: 01-39.
- GARCIA Jr.**, Afrânio R. (1993). “Les intellectuels et la conscience nationale au Brésil”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, 28: 20-33, juin.
- HALLEWELL**, Laurence. (1985). *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo, T.A. Queiroz/Edusp.
- HOLLOWAY**, Thomas H. (1978). *Vida e morte do Convênio de Taubaté: a primeira valorização do café*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- LAJOLO**, Marisa. (1981). *Monteiro Lobato*. São Paulo, Abril Educação.
- LIMA**, N.T. e **HOCHMAN**, G. (1996). “Condenado pela raça, absolvido pela medicina:

o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da Primeira República”. In: MAIO, Marcos C. e SANTOS, Ricardo V. (orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/CCBB.

LOBATO, Monteiro. (1944). *A barca de Gleyre — quarenta anos de correspondência literária*. São Paulo, Cia. Editora Nacional.

LOBATO, Monteiro. (1956a). *Urupês*. São Paulo, Brasiliense.

LOBATO, Monteiro. (1956b). *Cidades mortas*. São Paulo, Brasiliense.

LOBATO, Monteiro. (1956c). *Negrinha*. São Paulo, Brasiliense.

LOBATO, Monteiro. (1956d). *A onda verde e o Presidente negro*. São Paulo, Brasiliense.

LOBATO, Monteiro. (1956e). *O escândalo do petróleo e ferro*. São Paulo, Brasiliense.

LOBATO, Monteiro. (1956f). *Mr. Slang e o Brasil e problema vital*. São Paulo, Brasiliense.

LOBATO, Monteiro. (1956g). *Prefácios e entrevistas*. São Paulo, Brasiliense.

LOBATO, Monteiro. (1956h). *Geografia de Dona Benta*. São Paulo, Brasiliense.

LOBATO, Monteiro. (1956i). *Serões de Dona Benta e História das invenções*. São Paulo, Brasiliense.

LOBATO, Monteiro. (1956j). *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo, Brasiliense.

MARQUES, Vera R. Beltrão. (1994). *A medicalização da raça — médicos, educadores e*

discurso eugênico. Campinas, Ed. da Unicamp.

MORAES, Pedro R. Bodê de. (1994). “Monteiro Lobato: a arte e a técnica de editar”. In: Paz, Francisco M. (org.). *As aventuras do pensamento II*. Curitiba, Ed. da UFPR.

MORAES, Pedro R. Bodê de. (1995). *Fidalgos do café e livros do Brasil — Monteiro Lobato e a criação de editoras nacionais*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, PPGAS/MN/UFRJ.

MORAES, Pedro R. Bodê de. (1996). “Monteiro Lobato e a constituição das editoras nacionais”. In: REIS, E., ALMEIDA, M. e FRY, P. (orgs.). *Política e cultura — visões do passado e perspectivas contemporâneas*. São Paulo, HUCITEC/ANPOCS.

MONTEIRO, José B. O. (s/d). *Velhos troncos*. Taubaté, mimeo.

PONTES, Heloísa. (1989). “Retratos do Brasil: editores, editoras e ‘Coleções Brasileira’ da décadas de 30, 40 e 50”. In: MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. Vol.1. São Paulo, Hucitec.

SCHWARCZ, Lilia M. (1993). *O espetáculo das raças — cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo, Cia. das Letras.

SODRÉ, Nelson Werneck. (1970). *Memórias de um escritor*. Vol.1. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

SODRÉ, Nelson Werneck. (1977). *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal.

ANEXO

Quadro cronológico com os eventos principais da trajetória de Monteiro Lobato, principalmente aqueles relacionados aos assuntos aqui tratados

Datas	Eventos Principais
1882	Nasce em Taubaté, interior de São Paulo, José Bento Monteiro Lobato.
1900	Após reprovação no primeiro concurso, ingressa no curso de Direito na Faculdade de Direito de São Paulo.
1904	Conclusão do curso de Direito e retorno a Taubaté (SP).
1907	Nomeado, graças a intervenção do avô, promotor público em uma “cidade morta”, Areias em São Paulo.

- 1908 Casa-se com Maria Pureza da Natividade.
- 1911 Com a morte do avô, herda uma grande propriedade para onde se muda, transformando-se em fazendeiro. Abandona a carreira jurídica.
- 1914 Publica n' *O Estado de S. Paulo* os contos "Velha praga" e "Urupês".
- 1917 Vende sua grande fazenda, a Buquira.
- 1918 Publica nas oficinas d' *O Estado de S. Paulo* o resultado do inquérito sobre o saci-pererê.
Publica em edição da *Revista do Brasil*, *Urupês e Problema vital*.
Compra, com o dinheiro da venda da fazenda, a importante *Revista do Brasil*, onde colaborava desde 1916.
- 1919 Registra comercialmente a editora *Monteiro Lobato e Cia.* associada a *Revista do Brasil*.
Publica *Cidades mortas*.
- 1920 Publica *Negrinha*.
- 1921 Publica *O saci*.
- 1924 Amplia as instalações da editora que, reorganizada, passa a chamar-se *Cia. Gráfica-Editora Monteiro Lobato*. Publica *Jeca Tatuzinho*.
- 1925 Pede a liquidação da sua editora. Com Octales Marcondes Ferreira, ex-colaborador, funda a *Cia. Editora Nacional*. Muda-se para o Rio de Janeiro onde passa a administrar a sucursal da nova casa editorial.
- 1926 Publica o *Presidente negro*. Muda-se para Nova Iorque com o posto de Adido Comercial.
- 1931 Após desastrado investimento na Bolsa de Valores, onde perde muito dinheiro, volta ao Brasil. Funda a *Cia. Brasileira de Petróleo*.
- 1932 Publica *América*, seu relato sobre os EUA.
- 1935 Publica *História das invenções e Geografia de Dona Benta*.
- 1936 Publica *O escândalo do petróleo*.
- 1937 Publica *Serões de Dona Benta e Histórias de Tia Nastácia*.
- 1939 Publica *O Pica-Pau Amarelo*.
- 1941 Preso, por três meses, pela polícia de Getulio Vargas.
- 1946 Primeira edição das suas *Obras completas*. Muda-se para Argentina onde sua obra é bastante conhecida.
- 1947 De volta ao Brasil, faz campanhas junto ao PCB. Publica *Zé Brasil* pela Editora Vitória.
- 1948 Morre em São Paulo aos 66 anos.
-